

Desterritorialização em Alfredo Molano¹⁰

Manoel de Brito Oliveira Segundo¹¹
Juliana Helena Gomes Leal¹²

Resumo: Este trabalho objetivou refletir, por meio de levantamento, leitura e análise de referencial bibliográfico, sobre o processo de desterritorialização das vítimas do conflito armado na Colômbia. Os *desterritorializados* colombianos são sujeitos indígenas e afrodescendentes, em sua maioria, que estão no meio de um conflito armado. Inicialmente, intenciona-se discutir o processo de desterritorialização acometido por esses sujeitos a partir do que pensam AGAMBEN (2004) e outros. Na sequência, apresenta-se uma leitura interpretativa desse processo à luz de duas crônicas (“Ángela” e “Osiris”) da obra *Desterrados: crônicas del desarraigo*, do escritor Alfredo Molano. Percebeu-se, por meio desta pesquisa, que o conflito armado não terá fim enquanto os direitos desses povos não forem respeitados. Enquanto existir um Estado que se preocupa apenas com o crescimento econômico do país, contudo, esquece do social e humano, o conflito atravessará os anos, como vem acontecendo durante mais de meio século na Colômbia.

Palavras-chave: Literatura; América Latina; Colômbia; Conflito armado; *Desterritorialização*.

Resumen: El objetivo de este trabajo es reflexionar, por medio del levantamiento, lectura y análisis de referencial bibliográfico, sobre el proceso de desterritorialización de las víctimas del conflicto armado en Colombia. Los desterrados colombianos son sujetos indígenas y de ascendencia africana, en su mayoría, que están en el medio de un conflicto armado. Inicialmente se objetiva discutir el proceso de desterritorialización afligido por estos sujetos por medio de lo que piensan AGAMBEN (2004) y otros. Enseguida, se presenta una lectura interpretativa de este proceso a partir de dos crónicas (“Ángela” y “Osiris”) de la obra *Desterrados: crônicas del desarraigo* (2001), del escritor Alfredo Molano. Fue perceptible, por medio de esta investigación, que el conflicto armado no tendrá fin mientras los derechos de estos pueblos no sean respetados. Mientras haya un Estado que se preocupa sólo por el crecimiento económico del país, pero se olvida de lo social y lo humano, el conflicto atravesará los años, como viene sucediendo más de medio siglo en Colombia.

Palabras-clave: Literatura; América Latina; Colombia; Conflito armado; Desterritorialización.

1 Introdução

É sempre bom nos localizarmos no mundo, saber onde estamos, quem são nossos vizinhos e quais são as relações que temos com eles. Além disso, faz-se

¹⁰ Recebido em 4 de setembro de 2018. Aceito em 29 de outubro.

¹¹ Bacharel em Humanidades pela Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG). E-mail: manoel.segundo@ufvjm.edu.br.

¹² Doutora em Literatura Comparada pela Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG). Professora da Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri (UFVJM). E-mail: juliana.leal@ufvjm.edu.br.

necessário conhecê-los, pois todos nós possuímos um laço em comum: nossa humanidade. Por considerar esse elo, este trabalho é um esforço humano sincero cujo olhar se centra e se preocupa com as questões sociais relativas à América Latina, especificamente, a Colômbia.

Vasto em território e pequeno no que diz respeito à distribuição igualitária do espaço físico/terra, a Colômbia é um país que passa por um conflito armado que roubou/rouba a vida de suas vítimas. A posse de terras é o cerne do conflito armado colombiano. Quando falamos de "terra" não nos referimos somente ao espaço físico e suas fronteiras. O termo tem uma significação que vai além, pois consideramos a relação que os povos tradicionais têm com esse espaço físico. Ancestralidade e pertencimento são alguns fatores que fazem dessa "terra" território.

Os colombianos estão sendo empurrados, há décadas, das zonas rurais para bairros urbanos, agravantes que contribuem para a degradação humana e social desses sujeitos. Esse processo é aqui definido como *desterritorialização*, movimento de expulsão do seu local natal que interfere brutalmente em seus cotidianos, alterando hábitos como, por exemplo, trabalhar a terra, produzir o próprio alimento, transmitir práticas culturais, religiosas etc.. Em sua grande maioria, os sujeitos que vivenciam esse drama são afro-colombianos e indígenas, povos que têm relações diferentes com seu lugar natal. Sair de um lugar no qual se é importante, um ser social ativo e necessário, para outro onde simplesmente existir não faz diferença, é amputar seus direitos, fundamentalmente seu direito à existência. Ser excluídos da sociedade os faz caminhar pela trilha da degradação humana. Sua existência agora é ser um *homo sacer*, que integra uma sociedade por meio de sua exclusão.

Para abordarmos a temática, fizemos aqui um recorte e analisamos duas crônicas, a saber: “Ángela” e “Osiris”, do livro *Desterrados*. Esta pesquisa justifica-se pela importância de dar visibilidade aos problemas sociais que os povos da América Latina enfrentam, especificamente, o povo colombiano. Além disso, intencionamos levar ao conhecimento do público a quase secular existência desse processo que se agrava com o decorrer dos anos para, a partir daí, repensarmos nossa relação com o próximo, com um olhar mais conhecedor de seus problemas. Relembrar os atos de crueldade pelos quais passam os colombianos é um exercício de memória. Lembrar é um ato de resistência.

Nosso trabalho fará uma abordagem qualitativa do tema, utilizando a pesquisa bibliográfica como principal fonte. Segundo GIL (2008: 50), “pesquisa bibliográfica é definida como oriunda de material anteriormente elaborado, constituída principalmente de artigos científicos, livros, revistas”.

2 Definição dos termos: exílio, refugiado, expatriado, emigrado e desterritorializado

Segundo SAID, a palavra exílio “tem origem na velha prática de banimento. Uma vez banido, o exilado leva uma vida anômala e infeliz, com o estigma de ser um forasteiro” (2003: 54). O exilado sempre será o deslocado, aquele que não faz parte do círculo no qual está inserido. Fazer parte dele, para o autor, seria somente usufruir de um mesmo espaço físico, em que, não necessariamente, se estabelecem relações sociais, porque o exilado será sempre o “ele” e não o “nós”.

Já o termo refugiado é “uma criação do Estado do século XX. A palavra ‘refugiado’ tornou-se política: ela sugere grandes rebanhos de gente inocente e desnordeada que precisa de ajuda internacional urgente” (SAID 2003: 54).

Expatriados diz respeito aos que “moram voluntariamente em outro país, geralmente por motivos pessoais ou sociais” (SAID 2003: 54). Dito assim, é uma opção se expatriar. As causas ficam a cargo dos que optam por sair de sua cidade natal e ir para outros lugares. Já os emigrados “gozam de uma situação ambígua. Do ponto de vista técnico, trata-se de alguém que emigra para outro país. Claro, há sempre uma possibilidade de escolha, quando se trata de emigrar” (SAID 2003: 54).

Para entendermos o termo “desterritorializado” (termo ligado à “desterritorialização”), que será utilizado neste trabalho, é necessário discorrer um pouco sobre terra e território a fim de percebermos a relação que há com os termos abordados no início e com o que será utilizado nesta pesquisa.

Para Delgado, “por *terra* se entende a base física e produtiva de um território. Por *território* se entende o conjunto de relações e representações que se constroem a partir da terra” (2009: 10, tradução minha). Entende-se, então, que o termo terra é definido como um espaço físico e que o território é determinado pelas relações que certa comunidade tem com a terra. Portanto, não existe território sem terra, mas existem

terras sem que elas sejam territórios. Por exemplo, terras devolutas, improdutivas, que estão em processo de desertificação, quando ocupadas por um grupo que deseja torná-las úteis, serão reclamadas a ferro e fogo por “seus donos”. Assim, não podemos definir os sujeitos colombianos que são expulsos de suas casas como exilados, pois, de acordo com a definição, o termo não dará conta da complexidade que é a situação vivenciada por eles. A questão é de tal natureza, pois não diz respeito à redistribuição de terras, mas sim à expulsão dos indivíduos de seus territórios. De igual modo, não podemos denominá-los refugiados, porque o processo de saída não se deu para além das fronteiras nacionais, mas sim dentro do próprio país. Expatriados eles também não são, pois não saíram de seu país. No processo de emigração, segundo SAID (2003: 54), sempre há uma questão de escolha, que não é o caso dos colombianos que saem, ou melhor, são expulsos de suas comunidades rurais. São, portanto, para nós, desterritorializados, porque ocorre a expulsão de seus territórios, espacialidade sagrada dentro da qual as relações comunitárias são desenvolvidas.

Quando falamos de colombianos desterritorializados ou em processo de desterritorialização, nos referimos àqueles que não se sentem pertencentes aos locais para os quais são obrigados a ir, uma vez que neles, diferentemente do que acontece em seus territórios de origem, não podem exercer plenamente suas necessidades socioculturais. Para DELGADO,

[...] os camponeses e os afrodescendentes, igual aos povos indígenas, também construíram relações e representações entre suas formas de vida e o entorno físico no qual se desenvolvem suas culturas. Portanto, o conceito de território permite-nos compreender as relações que constroem os seres humanos entre si (sem importar sua condição étnica) e com seu entorno, no qual se encontram presentes. O território é, portanto, um conceito que se constrói e se reproduz socialmente (2009: 10-11, tradução minha).

A situação deles está baseada, portanto, numa relação que vai mais além da terra como espaço físico. Ela está intrinsecamente ligada ao território, pois é nele que se estabelecem, e são fortalecidas, relações de ancestralidade, pertencimento, cooperação, coletividade etc..

3 Contexto histórico do conflito armado na Colômbia

A composição geográfica da Colômbia se distribui em mais de um milhão de quilômetros quadrados, sendo mais da metade composta por selvas tropicais e cadeias de montanhas que ainda não foram exploradas. O país enfrenta, há cinco décadas, um conflito armado que gerou e ainda gera desterritorialização e mortes. Segundo RESTREPO (apud COLORADO 2015), no país, o número de mortos pelo conflito já é de sete milhões de vítimas – saldo mortuário sempre debitado na conta dos mais fracos e “desprotegidos”. De acordo com Centro de Memória Histórica (apud LEAL no prelo: 8), geralmente, “são indivíduos oriundos da zona rural, como indígenas e afro-colombianos. A população indígena representa 2,7% do total populacional do país e quase 3.900.000 (3,4%) estão em situação de desterritorialização interna”. De acordo com informações do Centro de Memória Histórica:

[...] nos dados demográficos de 2005, se estima que cerca de 15% do total da população afro-colombiana e 10% da população total indígena vêm sendo desterritorializada, 87% da população expulsa de suas regiões vivia no campo; alguns afro e indígenas, em territórios coletivos reconhecidos pelo Estado. Em um país que tem um problema agrário persistente, com uma história marcada pelo difícil acesso à terra, se calcula que 8,3 milhões de hectares têm sido saqueados ou abandonados à força. 99% dos municípios colombianos foram expulsantes. À luz das cifras precedentes, não é excessivo caracterizar a Colômbia com uma nação desterritorializada (apud LEAL no prelo: 17).

Esses dados têm precedentes. Nos anos 50, o embate entre conservadores e liberais custou a vida de mais de 300 mil camponeses, gerando desterritorialização de muitas pessoas que tinham uma forte ligação com o território. Na mesma década, como consequência disso, houve a tentativa de um acordo de paz entre os envolvidos – liberais e conservadores – e os partidos puseram “fim” ao conflito. Porém esses confrontos entre os grupos impulsionaram, nos anos sessenta, o surgimento de vários outros como as Forças Armadas Revolucionárias da Colômbia (FARC) e o Exército de Libertação Nacional (ELN). O primeiro teve sua origem nos movimentos de camponeses de autodefesa e tinha ligação com o Partido Comunista e com setores radicais do liberalismo. Foi fortemente atacado pelo governo e, em consequência, converteu-se em grupos de guerrilhas móveis. O ELN possui cunho urbanizado e nasceu

durante o fluxo da Revolução Cubana, instalando-se no campo, assim como as FARC. Há também outros grupos como os indígenas (Movimento Armado Quintín Lame), os maoístas (EPL) e os nacionalistas (M-19), os paramilitares/autodefesa que são aliados militares, porém, se voltaram para a atividade de tráfico, por isso são conhecidos dentro do país como os *narco*. Eles, os *narco*, têm um forte confronto com as guerrilhas e os grupos de esquerda, que dura até hoje. O espalhamento desse grupo na Colômbia se deu através de saqueios, matança, apropriação indevida de terras etc. (RESTREPO apud COLORADO 2015: 13-14). Como agravante disso, na Colômbia, “em finais dos anos setenta e início dos oitenta, o país tinha uma das mais variadas coleções de insurgências do mundo e um Estado que não hesitava em recorrer à tortura e o desaparecimento forçado para enfrentar a ‘subversão’, como passou a chamá-las”¹³ (RESTREPO apud COLORADO 2015: 14).

A luta pela posse de território foi “definida” pelo Governo como subversão. Como consequência disso vieram os ataques aos grupos, como forma de “punição” ou enquadramento da lei por parte do Estado. Estado esse que deveria proteger e não negar os direitos de posses e os meios de (sobre)vivência (acesso à terra)¹⁴. São considerados subversivos todos aqueles que lutam por seus territórios, sejam eles camponeses, afro-colombianos ou indígenas. Ou seja, deslegitimam-se suas causas, marginalizando o movimento do campesinato e, conseqüentemente, os envolvidos. Assim, perde-se a credibilidade frente à população “não participante” das lutas pelo território, que acreditará naquilo que escuta e não no que verdadeiramente é o movimento de resistência, por não estar envolvida diretamente nessas questões. Assim, “o poder chama de ‘terrorista’ quem o assusta, que nem sempre coincide com quem assusta a população. Há casos que coincidem, sem dúvida, mas há outros em que o mais aterrorizador é seu próprio governante”¹⁵ (GAMBOA 2014: 122, tradução minha).

O caráter subversivo desses movimentos de luta pelo direito à posse de terras configura-se como um gesto de combate à negligência do Estado quanto à promoção do

¹³ “Para fines de los años setenta y comienzos de los ochenta, Colombia tenía una de las más variopintas colecciones de insurgencias del mundo y un Estado que no vacilaba en recurrir a la tortura y la desaparición forzosa para enfrentar la ‘subversión’, como dio en llamarla” (RESTREPO apud COLORADO 2015: 14).

¹⁴ Usamos o termo terra, mas com o sentido de território. Terra essa na qual se estabelecem relações de usos e práticas sociais.

¹⁵ “El poder suele llamar terrorista a quien lo asusta a él, que no siempre coincide con quien asusta a la población, hay casos en que sí coincide, sin duda, pero hay otros en que lo más terrorífico para un pueblo es su propio gobernante” (GAMBOA 2014: 122).

acesso aos direitos fundamentais para constituição de uma vida digna. A negação do “chão” é a negação da vida, da existência, pois é da terra que tiramos nosso alimento, onde construímos abrigo, criamos e fortalecemos relações que vão muito além de questões materiais. Há, portanto, um mutualismo entre ser humano e terra. Para

[...] os indígenas dos Andes americanos, a terra é *Pachamama*, mãe de todas as coisas e todas as pessoas, sustento primário da vida, protetora do equilíbrio, razão primária da nossa existência. Tudo existe em seu seio, nada pode ser concebido fora dela. A *Pachamama*, a terra, é a que nos permite a existência¹⁶ (DELGADO 2009: 9, tradução minha).

A terra a qual se refere DELGADO (2009) não é qualquer uma, é a terra/território. Devemos ter em mente que a luta não é, portanto, exclusivamente por algo físico/material (terra), como poderia fazer crer o pensamento capitalista. Terra há, e muita, como foi apresentado no início deste trabalho. A questão que subjaz as lutas não pode ser reduzida, portanto, a “um pedaço de chão”.

A *Pachamama*¹⁷ nos permite a existência e esse direito está sendo roubado desses sujeitos (afro-colombianos, indígenas, camponeses), que se negam a sair de seus territórios até o último momento, para cortarem suas raízes e fiquem perambulando como seres desumanizados e sem lugar no mundo.

Dito isso podemos atribuir a esses sujeitos desenraizados a condição de *homo sacer*, termo definido por AGAMBEN (2004) para nomear os sujeitos que, mesmo quando considerados “culpados”, não podem ser levados ao sacrifício e, mesmo que sejam sacrificados, suas mortes não se constituem como homicídios. Esse raciocínio nos leva a fazer das indagações de BUTLER (2016) as nossas neste trabalho, quando reflete sobre “quais são as mortes consideradas dignas de luto” (2016: 47).

Logo, se temos vidas que não são enlutáveis porque se encontram na condição de *homo sacer*, elas são vidas “que não valem a pena”, por determinação. São vidas que não valem a vida. Exemplo disso é o resultado do conflito armado: inúmeros cadáveres

¹⁶ “los indígenas de los Andes americanos, la tierra es la *Pachamama*, madre de todas las cosas y de todas las personas, sustento primario de toda vida, protectora del equilibrio, razón primaria de nuestra existencia. Todo existe en su seno, nada puede concebirse fuera de ella. La *Pachamama*, la tierra, es la que nos permite la existencia” (DELGADO 2009: 9).

¹⁷ *Pachamama* é um termo advindo do quéchua que significa “Mãe Terra” (*Pacha* corresponde a terra ou mundo; e *mama*, a mãe) (LEAL no prelo: 5).

sem nome, família, sem lugar, ou seja, seres humanos que foram apagados, borrados do mapa da humanidade.

O *homo sacer* é o sujeito desprovido da condição humana; só pertencente à sociedade por meio de sua exclusão: “[...] essa absoluta indeterminação do lugar do *homo sacer*, ao mesmo tempo dentro e fora, aliás, dentro *porque* fora” (AGAMBEN 2004: 141). Assim, seu lugar é o entremeio, mesmo que, segundo AGAMBEN (2004), ele esteja dentro porque está fora. E a condição de *homo sacer* dos desterritorializados colombianos é, sem dúvida, resultado da violência política de um Estado corrupto e violento, já que não têm direito tal qual os outros, os não *homo sacer*. Logo, ser *homo sacer* é não ter o direito a ter direitos. É ser e vivenciar um paradoxo: ser pertencente por meio de sua exclusão.

Acerca danegação de direitos, temos como exemplo as manobras governamentais de favorecimento de um determinado grupo de grande poder aquisitivo pela negação dos direitos de outros: grandes latifundiários, por exemplo, que, amparados pelo Estado, conseguem burlar leis e se apossar de reservas de afrocolombianos, indígenas etc..

Houve sobreposição de títulos mineiros em áreas de parques nacionais e páramos, jogos especulativos, expedição de títulos sem controle e alguns de maneira suspeita, violação de direitos das comunidades mineiras indígenas e afrodescendentes e acumulação de títulos, declarou o ex-ministro do governo Santos¹⁸ (PISMEL e CHAGAS s/d: 35, grifo meu).

Portanto, de acordo com PISMEL e CHAGAS (s/d), os direitos desses povos estão sendo tirados justamente por quem deveria assegurá-los, ou seja, o Estado. “Estar protegido da violência do Estado-Nação é estar exposto à violência exercida pelo Estado-Nação; assim, depender do Estado-Nação para a proteção contra a violência significa precisamente trocar uma violência potencial por outra” (BUTLER 2016: 47).

Assim, o próprio Estado promulga leis que garantem o acesso (posse), mas, ao mesmo tempo, gera mecanismos para que essas mesmas leis sejam burladas de acordo com interesses privados como, por exemplo, títulos para as grandes mineradoras. Segundo informações do Programa das Nações Unidas para o Desenvolvimento

¹⁸ Foi presidente da Colômbia de 2010 a 2018. É membro do Partido Social de Unidade Nacional.

(PNUD), o principal motivo da desterritorialização foram ameaças indiretas sofridas, em 41% dos casos.

Como um grupo de camponeses pode se posicionar contra esse tipo de transgressão de direitos, sendo que a mão que dá é a mesma que tira? Parece complexo, porém é de fácil entendimento. Vejamos: as mineradoras ganham títulos de terras, terras essas que já têm “donos”. Assim, elas irão cobrar do Estado (que lhes outorgou títulos de posse) e este desalojará famílias que vivem nessas localidades para cumprimento da lei. Tira-se de uns (povos tradicionais) para dar aos outros (empresários e multinacionais). Robin Wood às avessas. Isso é o que Judith Butler (2016) chama de trocar uma violência potencial por outra. E reitera: “a vida exige apoio e condições possibilitadoras para poder ser uma vida vivível” (2016: 40). O que restou de condições facilitadoras para se ter uma vida vivível para esses sujeitos? Se não há condições, não há vida em potencial, ou seja, é a precarização absoluta da vida.

Em se tratando de mãos que dão e que tiram e condições facilitadoras para a vida, em 2002, com a eleição de Álvaro Uribe para a presidência da Colômbia, houve grande ofensiva por parte do Estado contra a desmobilização da AUC¹⁹ (Autodefesas Unidas da Colômbia). Segundo RESTREPO apud COLORADO “desde 2010 o conflito armado está contido em zonas marginais e de fronteira e seu impacto direto está concentrado na população mais pobre e esquecida do país” (2015: 15). A partir de 1985, na Colômbia, registrou-se quase 7 milhões de vítimas do conflito armado. Número de sujeitos para os quais o Estado precisa promover políticas de reparação.

Em junho de 2011, a promessa se materializou na Lei 1448, conhecida como Lei de Vítimas e Restituição de Terras. Segundo a *Human Rights Watch (HRW)*, a lei foi criada para **começar a restituir terras despejadas e abandonadas por camponeses vítimas de violência**. [...] Porém, o informe “O risco de voltar para casa”, da HRW, constatou que, até junho de 2013, a Unidade de Restituição, encarregada de implementar a Lei de Vítimas, **conseguiu que fossem proferidas sentenças de restituição para apenas 1% das mais de 43 mil solicitações recebidas**. Até julho, **somente uma família havia voltado a viver em sua terra como resultado do programa** (PISMEL e CHAGAS s/d: 44, grifo meu).

¹⁹ Unificação do para militarismo e a federação nacional, que criaram as Autodefesas. Segundo PISMEL e CHAGAS (s/d: 83), “as AUC se definiram como um movimento político militar de caráter anti-subversivo em exercício do direito à legítima defesa”.

4 Corpus literário

As crônicas que aqui serão analisadas (“Ángela” e “Osiris”) são de autoria de Alfredo Molano, sociólogo, escritor e jornalista. Molano já foi professor de várias universidades e jornalista de revistas e jornais como *El Espectador*, *Eco*, *Cromos*, *Alternativa*, *Semana* e *Economía Colombiana*. Seus estudos estão relacionados ao conflito armado que devasta a Colômbia por cinco décadas. Produziu obras como: *Materiales para una historia de la educación en Colombia* (1979), *Amnistía y violencia* (1980), *Los años del tropel* (1985), *Relatos de mulas, traquetos y embarques* (1997), *Los bombardeos de El pato* (1980), *Dos viajes por la Orinoquía colombiana* (1988), *Desterrados* (2005), entre outros.²⁰

Desterrados: crónicas del desarraigo (2005) é resultado dos relatos, obtidos pelo autor, de várias vítimas do conflito armado na Colômbia. Segundo MOLANO (2001), o motivo pelo qual ele escreveu o livro foi o de que percebera que apenas escrever colunas em jornais, estudar o conflito armado e trabalhar em um escritório não resolveria nada. Então “entendi que o caminho para compreender não era estudar a gente, mas sim escutá-la”²¹ (MOLANO 2001: 14, tradução minha). Tal ato, segundo o autor, ajudaria de alguma forma os sujeitos envolvidos no conflito armado.

A obra inicia-se com a crônica “*Desde el exilio*”, por meio da qual o autor revela os motivos que o levaram a escrever o livro *Desterrados: crónicas del desarraigo*. Segundo MOLANO (2001), as crônicas são resultados da escuta de várias histórias de camponeses que de forma direta ou indireta estavam envolvidos no conflito armado. “Na Colômbia quase todo camponês pode dizer que seu pai, ou tio, ou seu avô foi assassinado pela força pública, por paramilitares ou por guerrilhas”²² (MOLANO 2001: 13, tradução minha).

A produção desta obra foi feita em Barcelona, depois que o autor se viu obrigado a exilar-se em razão das ameaças constantes à sua vida e a de sua família: “as ameaças de morte escritas por paramilitares, ameaças que não foram as únicas e mais perigosas”

²⁰ Disponível em: BANCO DE LA REPÚBLICA ACTIVIDAD CULTURAL. http://enciclopedia.banrepcultural.org/index.php?title=Alfredo_Molano. (16/06/2016).

²¹ “Entendí que el camino para comprender no era estudiar a la gente, sino escucharla” (MOLANO 2001: 14).

²² “En Colombia casi todo campesino puede decir que su padre, o su tío, o su abuelo fue asesinado por la fuerza pública, por los paramilitares o por las guerrillas” (MOLANO 2001: 13).

²³ (MOLANO 2001: 13, tradução minha). Essas ameaças se deviam, em grande medida, às suas publicações relacionadas ao conflito armado colombiano, em grande parte no jornal *El Espectador*: “a verdade é que eu expunha publicamente o que havia visto e sabido em zonas de colonização onde se cultivava a coca e a papoula”²⁴ (MOLANO 2001: 17, tradução minha).

“Osiris” narra a história de uma mulher que é obrigada a fugir do seu povoado em consequência do conflito armado. Perdera um marido e dois filhos. De um ela chegou a ver o corpo, mas o de sua filha ficou desaparecido. Osiris foi marginalizada e acabou sendo perseguida porque sabia quem havia matado seu filho. Ao reclamá-lo “se desprotegeu”, pois na região em que morava quem sabia muito não vivia muito. Os resultados do conflito armado em sua vida foram desastrosos a ponto de a personagem ter de ir embora para a cidade e deixar tudo o que tinha construído com esforço e suor para não sofrer o mesmo destino que seus entes familiares. Em “Ángela” temos como protagonista uma menina de nove anos que vivia em um povoado colombiano chamado *Pueblo Nuevo (Nechi)*. Lá, ela vivia com sua família até começarem os tormentos do conflito. No povoado, viviam em uma casa simples e produziam seu sustento – características comuns dos moradores das regiões rurais.

De acordo com Said, o exílio nos faz pensar sobre ele, mas vivê-lo é uma experiência dolorosa “uma fratura incurável” (2003: 46). O exílio no caso da personagem é interno, pois as pessoas saem de suas casas, mas ficam dentro do seu próprio país, como é o caso dos colombianos, que são forçadamente desterritorializados.

Ao afirmar que “ou você nasce no exílio ou ele te acontece” (2003: 46), SAID desconstrói a ideia de que exílio é uma questão de escolha, pois imposição e acontecimento não são questões de escolhas, são situações impostas, tal e como acontece com os desterritorializados colombianos. Como exemplo disso, há Osiris, que era casada e tinha muitos filhos. Perdeu seu primeiro marido “no total foram 13 anos juntos. Até que o mataram [...] Eládio veio rápido para tirar a menina; os matadores

²³ “las amenazas de muerte firmadas por los paramilitares, amenazas que no fueron las únicas ni las más peligrosas” (MOLANO 2001: 13).

²⁴ “La verdad es que yo exponía públicamente lo que había visto y sabido en las zonas de colonización donde se cultivaba la coca y la amapola” (MOLANO 2001: 13).

acreditaram que iria atacá-los e um deles pôs a arma na frente e disparou-lhe na cabeça”

²⁵ (MOLANO 2001: 126-129, tradução minha), depois lhe foi tirado um filho.

Milciades chorou comigo por Jaime, o maior dos meninos que foi do meu primeiro marido. Ele o viu crescer e o levou para enterrar quando o mataram por maldade de uns homens. Sem nunca se saber o porquê, chegou o exército, os tiraram do bar, os vendaram com suas próprias camisas e os levaram ao parque Infantil, houve quem viu tudo, mas nesse tempo já não podiam dizer nada. Os maiores queimaram primeiro. O meu menino, como era zelador e tinha sua arma, tentou pegá-la, porque um dos tiros que deram atravessou a mão e entrou pela cintura; outro acertou o estômago e o último foi no rosto ²⁶ (MOLANO 2001: 136-137, tradução minha)

Podemos perceber na crônica a existência de uma “imposição” do exílio, mascarado na necessidade de sair para sobreviver. Como olhar para esses dois casos e dizer que eles “escolheram” sair? Não escolheram, foram forçados a largar suas vidas. Talvez a pior parte disso tudo seja ter que exilar-se dentro do próprio país; a sensação de estar perto, mas, ao mesmo tempo, tão longe. É como se seus pés pudessem caminhar, mas, por algum motivo, há algo que não os deixa sair do lugar. A saber, a Colômbia

É o país andino entre os que possuem o maior número de *desplazados* internos em todo o mundo: quase 4 milhões, até maio de 2011, o correspondente a 8% do total da população colombiana, entre os quais cerca de 70% possui vínculos com a terra, segundo dados da ACNUR e mais de 5,5 milhões segundo a CODHES (*Consultoría para los Derechos Humanos y el Desplazamiento*) (apud LEAL no prelo: 69).

A situação de desterritorialização forçada acontece tão rápido que não dá tempo de a vítima se programar, saber para onde vai. Ou vai ou morre: essa é a máxima. Por isso o desterritorializado, como o exilado, sempre será o deslocado. Perde suas raízes

²⁵ “en total fueron trece años juntos. Hasta que lo mataron. [...] Eladio binó rápido para sacar a la niña; los matones creyeron que iba a atacarlos y uno de ellos le puso el arma de frente y le disparó en la cabeza” (MOLANO 2001: 126-129).

²⁶ “Milciades lloró conmigo a Jaime, el mayor de los varones que me quedaron del primer marido. Él lo miró crecer y lo llevó a enterrar cuando me mataron por la maldad de unos hombres. Sin saberse nunca por qué, llegó el ejército, los sacó del bar, los vendó con sus propias camisas y se lo llevó al Parque Infantil; hubo quien vio todo, pero en ese tiempo ya no se podía decir nada. A los mayores los quemaron primero. El muchacho mío, como era celador y tenía su arma, intentó sacarla, porque uno de los tiros que me le dieron le atravesó la mano y le entró por la cintura; otro se lo pusieron en el estómago y el último en la cara” (MOLANO 2001: 136-137).

quando sai do lugar de onde veio. É como se um vão tomasse conta da vida e nada pode suprimi-lo. Fixar-se em outro lugar, nessas condições, não quer dizer criar raiz.

Considerando a lentidão no processo de restituição de terras desses sujeitos pelo Estado colombiano, a invasão das terras cresce em ritmo contrário. Territórios continuam a ser invadidos e suas populações empurradas para os grandes centros urbanos, invisibilizadas em trabalhos informais. Essas situações podem ser identificadas em ambas as crônicas quando, no primeiro texto, o pai de Ángela é perseguido até o momento em que decide sair de sua comunidade para ir trabalhar na cidade e, no segundo, quando Osiris se vê perseguida por saber quem foram os assassinos de seu filho e, para não morrer, deixa tudo para trás e vai viver num centro urbano.

Além da desterritorialização, há também o exílio cultural (o não reconhecimento do lugar e de seus integrantes como pertencentes à cultura estabelecida em suas comunidades de origem). Em alguns momentos das duas crônicas, as personagens sempre fazem comparações entre seus locais de origem e o centro urbano para o qual foram empurradas. Ángela diz:

Lá no lote da casa se plantava de tudo: pimenta, tomate, limão, mamão, mandioca. Todos nós comíamos e às vezes havia até para os vizinhos. Quando chegava a colheita, minha casa se transformava em uma venda e todos iam comprar uma coisa ou outra. Em Nechí era só esticar a mão e pegar. [...] aqui em Bogotá, no café da manhã, minha mãe nos dá água de rapadura com arepa,²⁷ no almoço é arroz e batata. Quase nem sequer conseguimos banana (MOLANO 2001: 43, tradução minha).

Esse trecho não é exemplo apenas de fartura, mas também de questões de relações sociais e comunitárias entre os pares, que vão desde o compartilhamento do que se produz até o trabalhar a terra, o que se planta, colhe e divide com os demais. São essas relações estabelecidas com e na terra que criam os laços e a torna verdadeiramente um território. No território, as coisas advindas dele são mediadas por pessoas (o trabalhar a terra, por exemplo) e, assim, a simbiose (considerando a terra como um ser vivo) se faz necessária e satisfatória para ambos. A terra produz os frutos, que são

²⁷ “*Allá en el solar de la casa pegaba todo: ají, tomate, limón, papaya, yuca. Todo nos lo comíamos nosotros y a veces había hasta para los vecinos. Cuando la cosecha llegaba, mi casa se volvía como una tienda y todos iban a comprar una cosa u otra. En el Nechí era sola estriar la mano y coger. [...] aquí en Bogotá, al desayuno, mi mamá nos da agua de panela con arepa, el almuerzo es arroz y papa, y la comida arroz. Casi ni si quiera consigue el plátano*” (MOLANO 2001: 43).

plantados pelas pessoas, que se alimentam deles. É o ciclo simbiótico gerador e mantenedor da vida.

Diz Osiris: “vivíamos abastecidos de tudo e sentíamos bem as coisas da família. [...] Comigo aqui em Bogotá não falavam. Para alguém acostumado com o campo e as galinhas, era muito difícil acostumar-se a viver amontoados em um quarto com outros”,²⁸ (MOLANO 2001: 125-152). No trecho “Comigo aqui em Bogotá não falavam” (MOLANO 2001: 152), podemos perceber o exílio cultural e o olhar para ela como sendo o “outro”, e não integrante de um coletivo de moradores.

Como é perceptível, as personagens fazem comparações entre seus lugares de origem e os lugares para onde foram. Práticas análogas à escravidão podem ser percebidas, como, por exemplo, a situação trabalhista do pai da personagem Ángela, que sai de casa às 4 da manhã e retorna às 21h da noite e ainda recebe pouco pelo seu trabalho: “[...] Não nos faltou nada porque meu pai trabalha carregando tijolo em uma obra. Vai às quatro da manhã e volta às nove da noite”²⁹ (MOLANO 2001: 59).

As práticas culturais realizadas em suas comunidades são diferentes das desenvolvidas nos centros urbanos, ou seja, perde-se um “hábito cultural” já estabelecido para adaptação de outros fazeres que, em muitos casos, não estão de acordo com as práticas de suas comunidades. “O campesinato se tornou mão-de-obra barata nas cidades” (PISMEL e CHAGAS s/d: 43). Porém, é importante lembrar que se trata de um campesinato que só é usado como mão-de-obra barata porque foi obrigado a sair do seu lugar de origem.

Para que pelo menos em partes o direito ao território (lugar) e locais onde esses sujeitos podem exercer suas práticas de cultivo, entre outras relacionadas com o trabalhar a terra fosse garantido, criaram-se as Zonas de Reservas Camponesas (ZRC). De acordo com PISMEL e CHAGAS,

[...] para que as reservas sejam consolidadas os camponeses reclamam por 10 milhões de hectares. Essas reservas não são uma reforma agrária, mas apenas uma forma de garantir que os camponeses não sejam escorraçados de suas terras

²⁸ “Vivíamos abastecidos de todo y se sentían bien las cosas de familia. [...] Yo aquí en Bogotá no me hablaban. A uno, acostumbrado al campo y a las gallinas, le quedaba muy verraco acostumbrarse a vivir arrejuntado en una pieza con otros” (MOLANO 2001: 125-152).

²⁹ “No nos falta nada porque mi papá trabaja arrimando ladrillo en una obra. Se va a las cuatro de la mañana y vuelve a las nueve de la noche” (MOLANO 2001: 49).

pela pressão dos grandes latifúndios, multinacionais e do setor de mineração (s/d: 27).

A proposta de implementação foi feita pelas FARC, em um fórum de diálogo que aconteceu em Havana. Abordou-se ali a questão agrária, que mediará o processo de paz na Colômbia. Existem por volta de 50 zonas de reservas que totalizam uma área de 10 milhões de hectares, porém, atualmente, há apenas 6 constituídas e reconhecidas pelo Estado colombiano. São aproximadamente 893 mil hectares, número bem inferior ao exigido pelos movimentos de camponeses (PISMEL e CHAGAS s/d: 27).

Como consequência desse processo de desterritorialização e não garantia de direitos (como a reclamação que faz as ZRC), de acordo com o Boletim Medecins Sans Frontieres “*Vivir con miedo*”³⁰ – que, por meio de relatos e observações obtidas pelas consultas médicas, abordou a atual situação dos desterritorializados da Colômbia, mostrando os protagonistas do conflito e os principais problemas enfrentados pelos médicos que atendem as vítimas –,

O exílio interno alcançou níveis sem precedentes, com mais de três milhões de exilados desde o ano de 1995. Massacres, execuções, intimidação e o consequente medo coletivo são uma parte indissociável da vida cotidiana para quem vive em áreas afetadas pelo conflito. A taxa de homicídios entre homens de 15 e 55 anos alcança a alarmante cifra de 22,1%. A violência se converteu na principal causa da morte de mulheres entre 15 e 39 anos (17%), superando a taxa de mortalidade relacionada com a gravidez e o parto³¹ (2006: 5, tradução minha).

Segundo o Boletim, há registros de doenças psicológicas desenvolvidas em adultos e crianças, cuja causa é a situação de constante medo das milícias e forças armadas governamentais, que entram em choque, forçando a saída da população dos lugares de atritos. Sensação de perseguição, medo constante, falta de um lugar seguro, entre outros, são fatores que causam doenças psicológicas, desenvolvidas pelas várias mudanças e incertezas pelas quais passam esses sujeitos. Sobre essa questão BUTLER

³⁰ “*Viver com medo*”. (tradução minha).

³¹ “*El desplazamiento interno ha alcanzado niveles sin precedentes, con más de tres millones de desplazados desde el año 1995. Masacres, ejecuciones, intimidación y el consiguiente miedo colectivo son una parte ineludible de la vida cotidiana para quienes viven en áreas afectadas por el conflicto. La tasa de homicidios en hombres entre 15 y 55 años alcanza la alarmante cifra de 221 por 100,000. La violencia se ha convertido en la principal causa de muerte en mujeres entre 15 y 39 años (17 por 100,000), superando a la tasa de mortalidad relacionada con el embarazo y el parto*” (2006: 5).

nos diz que “o corpo é um fenômeno social: ele está exposto aos outros, é vulnerável por definição, sua mera sobrevivência depende de condições e instituições sociais, o que significa que para ‘ser’ no sentido de ‘sobreviver’, o corpo tem que contar com o que está fora dele” (2016: 57-58). Como vemos nos relatos do Boletim, não é possível identificar condições sociais que possam auxiliar esse corpo deslocado, ou seja, não há condições favoráveis para que a vida possa ser vivível. Isso se constata quando, ao serem expulsos de suas casas, os desterritorializados não se registram em nenhum tipo de programa assistencial de saúde, por medo de serem perseguidos e/ou reconhecidos por algum grupo que esteja envolvido no conflito.

Isso está se tornando um bairro de exilados. Quando as escutei **me deu vontade de dizer como era minha terra e contar as razões de nosso desterro, os crimes que cometeram contra nós**. Mas fiquei calada, enquanto engolia meu orgulho inteiro. Essa é a humilhação do silêncio³² (MOLANO 2001: 152, grifo meu, tradução minha).

E essa cifra de *homo sacer* só aumenta. Segundo o Boletim *Basta Ya*³³,

[...] o conflito armado na Colômbia é um dos mais sangrentos da história, ou seja, nenhum outro conflito matou/mata tanto quanto o colombiano. Dados divulgados pelo Boletim mostram que, entre janeiro de 1958 a dezembro de 2012, 222.000 mil pessoas foram mortas.

E os números não param de subir. De acordo com dados do Registro Único de Vítimas (RUV), em 31 de março de 2013, o número de mortos foi de 166.069 civis, vítimas fatais desde o ano de 1985. Esses números são apenas relativos à população civil, sem mencionar os combatentes. A proporção entre mortos em combate (combatentes) e não combatentes é: a cada um combatente morto, quatro civis também são assassinados.

³² “Esto está volviendo en un barrio de desplazados. Cuando las escuché me dieron ganas de decirles cómo era mi tierra y contarles las razones de nuestro destierro, los crímenes que se han cometido contra nosotros. Pero me tocó quedarme callada, mientras me tragaba entero el orgullo. Esa es la humillación del silencio” (MOLANO 2001: 152).

³³ Boletim informativo que relata a real situação do conflito armado na Colômbia. <http://www.centrodememoriahistorica.gov.co/micrositios/informeGeneral/>. (20/07/2017).

Na crônica “Osíris”, podemos perceber esse rastro de mortes. Primeiro tiraram seu marido: “Eladio saltou rapidamente para salvar a garota: os bandidos acreditaram que ele iria atacá-los e um deles colocou a arma em frente e atirou em sua cabeça. Ele se virou para me ver e disse: - Preta, olhe-me, me mataram!”³⁴ (MOLANO 2001: 128, tradução minha). Na sequência, dois dias antes de seu filho ser morto, sua filha “desapareceu” sem deixar rastros: “Dessa morte não sei nada: nunca pude saber nem averiguar como foi. Ela levou segredo, deixando-o para quem a matou”³⁵ (MOLANO 2001: 140, tradução minha). E, finalmente, o filho: “mataram-no por maldade de uns homens” (MOLANO 2001: 137, tradução minha).

Sem nunca saber por que, o exército chegou, tirou-os do bar, os vendou com suas próprias camisas e os levaram para o Parque Infantil; houve quem viu tudo, mas naquele momento não podia dizer nada. [...] meu filho como era um zelador tinha sua arma, tentou sacá-la, porque um dos tiros que lhe deram atravessou a mão e entrou na cintura; outro acertou no estômago e o último na cara³⁶ (MOLANO 2001: 137).

Consoante com o Boletim Médicos *Sin Fronteras*, geralmente, como já mencionado neste trabalho, as pessoas que se desterritorializam são camponeses e habitantes de comunidades rurais e/ou pertencentes a algum grupo de descendência étnica e que têm grande ligação com a terra e a natureza. ORTIZ e KAMINKER dividem esse movimento de desterritorialização forçada pelo qual a Colômbia passa em três fases:

Num primeiro momento, 1984-1995, a repressão teria como objetivo o **aniquilamento das organizações políticas alternativas** surgidas no marco dos diálogos de paz de meados dos anos oitenta. Neste período a luta contra-insurgente englobaria o acionar das forças armadas. O segundo

³⁴ “Eladio brincó rápido para salvar a la niña: los matones creyeron que iba a atacarlos y uno de ellos le puso el arma de frente y le disparó en la cabeza. Volteó a verme y me dijo: - ¡Negra, mírame, me mataron!” (MOLANO 2001: 128).

³⁵ “De esa muerte sí no sé nada; nunca pude saber ni averiguar cómo fue. Ella se llevó el secreto, dejándoselo a quienes la mataron” (MOLANO 2001: 140).

³⁶ “Sin saberse nunca por qué, llegó el ejército, los sacó del bar, vendó con sus propias camisas y se los llevó al Parque Infantil; hubo quien vio todo, pero en ese tiempo ya no se podía decir nada. [...] el muchacho mío, como era celador y tenía su arma, intentó sacarla, porque uno de los tiros que me le dieron le atravesó la mano y le entró por la cintura; otro se lo pusieron en el estómago y el último en la cara” (MOLANO 2001: 137).

momento, 1996-2005, se caracterizaria pelo despovoamento e repovoamento das regiões consideradas de influência guerrilheira, ao qual se somaria dois fatores que complexificam o conflito interno: **a expansão do paramilitarismo e o fenômeno do narcotráfico**. Durante os anos noventa, a luta contra-insurgente ficará velada pela “guerra contra o narcotráfico”. O terceiro momento, **desde 2006 até a atualidade, se evidencia a consolidação do paramilitarismo como força política e a perseguição sistemática aos defensores de direitos humanos e aos críticos da política de guerra total**. Neste período se falará de “guerra contra o terrorismo” (2014: 38, grifo meu).

O processo de paz pelo qual a Colômbia anseia, portanto, não está ligado somente à devolução de terras e à reforma agrária, tem a ver com os direitos dos povos em ocupar plenamente o que é seu por direito, por ancestralidade. Querem respeito com suas memórias e não a perseguição. A briga que atravessa os anos ainda parece não ter previsão para terminar. Os números são uma prova do que já foi feito. Através deles também podemos imaginar o que virá, como se o feito já não bastasse. O sangue dos corpos cujas vidas foram tiradas pelo conflito armado inunda o solo colombiano, porém esse sangue não é visto, pois é tragado pelas máquinas de mineradoras estrangeiras e encoberto pelas manobras gananciosas em seu favorecimento, realizadas pelo Estado. Como vemos o Estado é um dos que mais corrobora para a precarização da vida das vítimas do conflito; segundo BUTLER (2016: 47), é um problema que enfrentamos atualmente: “nem todo mundo conta como sujeito”.

5 Considerações finais

A literatura sempre nos surpreende. Doce quando precisamos e amarga quando necessário, ela nos abre caminhos. É por meio dela que temos acesso às informações que muitas vezes são apagadas e invisibilizadas, como por exemplo o conflito armado na Colômbia, abordado neste trabalho. A temática foi “descoberta”, por assim dizer, por meio da leitura despreziosa, porém direcionada a dar visibilidade a essas questões, que como dito antes são por vezes escondidas.

Em um mundo de transgressões, onde os direitos são afanados, garantir que os sujeitos constituintes da sociedade tenham o acesso à literatura é crucial para construção identitária de si, pois assim se reconhecerão no mundo, interpretando-o com outros olhares, percebendo a unidade que somos. A saber, “a experiência da literatura

proporciona uma forma singular, diferenciada, de dar sentido ao mundo e a nós mesmos. É por isso que o contato com a literatura é tão fundamental para o desenvolvimento humano” (COSSON 2014: 70). É trilhar os caminhos viabilizados pela literatura. É ressignificar o mundo onde vivemos. Abrir nossos olhares para outros cantos. Por que não para América Latina e a crise social que nela ocorre há décadas? Enquanto voltarmos nossos olhares para lugares direcionados, seguindo a visão do colonizador que, de certa forma, ainda nos escraviza, dizendo o que faremos, para onde olharemos e com o que nos preocupamos, não veremos outros sujeitos que anseiam por serem vistos, não escutaremos suas vozes que ecoam pedidos de socorro.

O capitalismo causou em nós surdez e cegueira em um nível tão sério que a vida dos nossos semelhantes deixou de nos importar. Com isso, por quantas mais décadas de degradação humana sofrerão os colombianos? Como se não bastassem as quase sete já sofridas. É também pelo não acesso à literatura e à arte que estamos deixando de ser humanos, humanos no sentido de nos compadecermos com o outro e seus problemas. O instrumento humanizador, como a literatura é qualificada por CANDIDO (1988) e TODOROV (1939), falta-nos, mas falta-nos em larga escala.

Que este trabalho sirva, então, como uma lanterna que ilumine aos leitores brasileiros a produção artística colombiana contemporânea, a exemplo da de Molano, que tem se debruçado tão magistralmente sobre questões tão caras e urgentes à NOSSA AMÉRICA LATINA.

Referências bibliográficas

AGAMBEN, Giorgio. *Estado de exceção*. Tradução de Iraci D. Poleti. São Paulo: Boitempo, 2004.

Boletim Medecins Sans Frontieres *Vivir con miedo*.
http://www.msf.org/sites/msf.org/files/oldms/source/countries/americas/colombia/2006/report/Vivir_Con_Miedo.pdf. (06/05/2016).

BUTLER, Judith. *Quadros de guerra: quando a vida é passível de luto?* Tradução de Sérgio Lamarão e Arnaldo Marques da Cunha. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2016.

COLORADO, Jesús Abad. *Mirar de la vida profunda*. Bogotá: Editorial Planeta Colombiana, 2015.

- CANDIDO, Antonio. *Literatura e Sociedade*. São Paulo: GIP, 1988.
- COSSON, Rildo. A literatura em todo lugar. In: _____. *Círculos de leitura e letramento literário*. São Paulo: Contexto, 2014.
- DELGADO, Sergio Coronado. *Derecho a la tierra y al territorio*. Bogotá: Ediciones Ántropos, 2009.
- GAMBOA, Santiago. *La guerra y la paz*. Bogotá: Peguin Random House Grupo Editorial S.A, 2014.
- GIL, Antonio Carlos. *Métodos e técnicas de pesquisa social*. 6. ed. São Paulo: Atlas, 2008.
- LEAL, Juliana. *Humanização das vítimas do conflito armado colombiano em Colorado (fotografia), Molano (literatura) e Salcedo (performance)* (no prelo).
- MOLANO, Alfredo. *Desterrados: crônicas del desarraigo*. Bogotá: El Áncora Editores, 2001.
- ORTIZ, Diana; KAMINKER, Sergio. Suramérica y los refugiados colombianos. In: *Revista Interdisciplinar Mobil. Hum.*, 22 (43), 2014, 35-51.
<http://www.scielo.br/pdf/remhu/v22n43/v22n43a03.pdf>. (04/07/2017)
- PISMEL, Matheus Lobo; CHAGAS, Rodrigo Simões. *Colômbia: movimentos pela paz*.
<https://repositorio.ufsc.br/bitstream/handle/123456789/125574/COL%C3%94MBIA%20Movimentos%20pela%20paz%20-%20TCC%20Matheus%20e%20Rodrigo.pdf?sequence=1>. (05/07/2017)
- SAID, Edward. *Reflexões sobre o exílio e outros ensaios*. São Paulo: Companhia das Letras, 2003.
- TODOROV, Tzvetan. *Literatura em perigo*. Rio de Janeiro: DIFEL, 1939.